

A AUSÊNCIA: DESAFIOS DE UMA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

Olga Maciel Ferreira (UEA/BRASIL)¹⁰⁷

<https://orcid.org/0009-0004-0351-6587>

RESUMO

As palavras presentes neste trabalho, a partir de diálogos, memórias e confissões, depoimentos de minha tia-avó e minha avó, é uma tentativa de (re)encontro com minhas ancestrais, simultaneamente em que me posiciono entre elas, as observo, enquanto almejo me perceber nelas, o que não acontece plenamente, já que somos diferentes, em classe, sexualidade, noções de raça, percepções. A presença de duas mulheres racializadas que não se enxergam como tal, que apagaram suas identidades em prol de um acolhimento que nunca veio, transformou-se por muitos anos em ausência da *consciência-de-si*, como já enunciado por Frantz Fanon (2020[1952]), gerando empecilhos e apagamentos na construção identitária da geração que se seguiu. Ao ir ao encontro da questão racial me deparei também com o apagamento de uma espiritualidade ancestral latente, questão que também foi problematizada. Esse trabalho nasceu, não só, da incessante procura por pertencimento, mas também do anseio de valorização das “raízes” racializadas em uma família marcada pela negação destas.

Palavras-chave: identidade; ancestralidade; espiritualidade; apagamento.

THE ABSENCE: CHALLENGES OF AN IDENTITY CONSTRUCTION

ABSTRACT

This work seeks, through memories and dialogues with my grandmother and great-aunt, a (re)connection with my ancestors. Observing them and positioning myself among them revealed striking differences in class, sexuality,

107. Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Amazonas. Mestranda pelo Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) da Universidade do Estado do Amazonas, linha de pesquisa: “Crítica, interpretação e história das formas de arte”. Bolsista pela FAPEAM - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas. omf.mic23@uea.edu.br. <https://orcid.org/0009-0004-0351-6587>

and race, highlighting the absence of racial awareness in two racialized women who erased their identities seeking acceptance. Inspired by Frantz Fanon (2020 [1952]), I problematized both racial and ancestral spirituality erasure, reflecting a longing for belonging and the appreciation of my family's racialized roots.

Keywords: identity; ancestry; spirituality; erasure.

INTRODUÇÃO

Grande parte do escopo do trabalho a seguir, foi escrito no primeiro semestre de 2023, como trabalho final da proponente curricular 'Seminário de métodos e técnicas de pesquisa em ciências humanas', ministrada pelo professor Alfredo Wagner Berno de Almeida. Tal discussão é reflexo de uma busca identitária, por "raízes", como proclamo inúmeras vezes ao longo do texto. Comecei a problemática, tanto de maneira interna, quanto dentro da pesquisa, pelos aspectos que tangem o apagamento histórico-social da questão racial (negra) dentro do Estado do Amazonas¹⁰⁸, sendo este, o que de fato, inicialmente, impulsionou a realização desta investigação, realizando uma abordagem muito mais *afetivo-existencial*, do que arduamente teórica. A breve conversa que tive com a minha tia-avó foi um reflexo disso. Hoje, principalmente, por conta da doença de Alzheimer, é possível notar suas falas e atitudes, fixadas no passado.

No entanto, o que ao longo da busca por potenciais explicações do por quê a formação étnico-racial da minha família materna ter-se dado marcadamente pautada na *ausência*, na impossibilidade de *ser* e existir integralmente, ou, como já exclamava Fanon (2020 [1952]), de exercer uma *consciência-para-si*, fui ao encontro de outra questão, que de forma colateral, está intrinsecamente ligada à primeira: o apagamento de uma espiritualidade latente, fundamentada, primeiramente, na força dos *caboclos*.

Assim, o que inicialmente seria uma busca por uma questão identitária, apoiada na raça e/ou etnia, foi delineando-se até chegar em uma questão identitária em conexão com uma espiritualidade ancestral, a qual em um primeiro instante, nunca foi definida ou até mesmo nomeada pela minha avó, já que a sua trajetória não chegou até esse momento específico, ela nunca teve a oportunidade de nomear o que viveu, como viveu, e julgo que até mesmo, de entender o papel que teve dentro da sua própria vida.

As palavras a seguir são tentativas de pôr em evidência a dor que por

108. Tal questão nos últimos anos vem sendo fortemente debatida e impulsionada, principalmente a partir de um processo de retomada histórica proposto pelas elaborações teóricas da Profa.Dra. Patricia Maria Alves de Melo (UFAM), (cf. Melo, 2011).

muito tempo foi negada de ser sentida e compreendida. Um retrato de uma história que nada tem de individual, que se encontra em coletivo muito maior do que o previsto. Um momento ímpar na minha própria trajetória, pois ao me deparar com as limitações oriundas do racismo e do preconceito na vida de minha tia e minha avó, pude começar a me ressignificar. Essa é uma história de *(re)encontro* de si, a partir do outro.

REFLEXÕES DE INÍCIO, MEIO E INÍCIO

Eu cresci rodeada de mulheres, fui criada, na medida do possível, por elas. Enquanto meus pais passavam o dia trabalhando, elas ajudavam a mim e a minha irmã a existir: fazer comida; observar; cuidar; e todo o básico sem o qual não há subsistência. Cresci rodeada de mulheres, mas, foram e são, duas destas que estiveram presentes no meu dia a dia, a cada minuto. Minha avó (que aqui irei chamar de ‘D’) e minha tia-avó (a quem me referirei como ‘Z’), minha família por parte de mãe.

Z, solteira, sem filhos, foi quem cuidou e criou, de fato, minha mãe. Ao passo que D, com um passado conturbado, alimentado de álcool, relacionamentos caóticos, problemas financeiros e conflitos espirituais, teve duas filhas, mas só criou uma.

A família Maciel (minha família por parte de mãe) nasceu e cresceu no interior chamado “Paraná da Eva”, em Itacoatiara. Minha bisavó, também chamada Olga, teve 14 filhos, 3 morreram, ou no parto, ou dias depois, sobrando 11 ao todo, sendo eles: 6 homens e 4 mulheres. A família vivia de uma espécie de agricultura familiar, cultivavam (produziam) para seu consumo, mas também vendiam para outras pessoas que ali residiam. Contudo, entre os anos 1950, foram atingidos por um intenso processo de cheias/inundações, perderam tudo e tiveram que repensar estratégias de vida, se mudaram para a capital, Manaus. Nos primeiros anos moraram em um bairro chamado “Educandos”, depois os irmãos de D e Z, filhos de Olga, casaram e formaram suas respectivas famílias em outros lugares. Tia Z e sua mãe mudaram-se para o Japiim, no terreno que hoje vivo, com meus pais, minha irmã, minha avó e minha tia.

Importante ressaltar que com esse processo de mudança, meus bisavós acabaram se separando. Meu bisavô Raimundo arranhou outra família, não sei ao certo se ele continuou ajudando seus filhos. Isto dito, a responsabilidade familiar começou a ser distribuída muito cedo para os primogênitos, sendo Z uma das primeiras nascidas.

Quando vieram para Manaus, Z tinha acabado de completar 18 anos. Com o ensino fundamental incompleto, muito boa com números e com uma capacidade única de se articular verbalmente, ela passou a trabalhar no

comércio, especificamente, em lojas de tecido pelo Centro da cidade. Foi uma pessoa proativa, reiteradamente lembrava dos seus trabalhos com saudade, gostava do convívio com outras pessoas. Hoje, aos 85, com alzheimer, ela continua a falar com carinho do trabalho, e em certos momentos acredita que está na loja e precisa preparar coisas para vender. Inclusive, em vários períodos de crise e não crise¹⁰⁹, ela diz que quer voltar para “casa” (mesmo estando na casa que mora há mais de 60 anos). Acredito que esteja se referindo ao Paraná da Eva, o qual, cotidianamente, enquanto eu crescia, era retratado por ela com carinho e imensa saudade.

Do outro lado, ‘D’, veio para Manaus aos 7 anos, superprotegida pelos irmãos mais velhos (os homens), não podia fazer muita coisa e quando fazia era vigiada por eles. Recentemente, em um dia comum, ela me contou que se casou pela primeira vez aos 18 anos com um primo (relativamente distante), porque queria ter sua “liberdade”, pensando que só assim seus irmãos a deixariam em paz. O casamento durou pouco, em um ano já estavam separados. Diferentemente de Z, minha avó estudou, com dificuldade conseguiu concluir o ensino médio, e posteriormente realizou um curso profissionalizante de técnico de enfermagem.

D foi, na maior parte do tempo, o oposto de Z, no quesito de arcar com os deveres. Por ansiar constantemente pela tal “liberdade”, por alguns anos continuou achando que ela viria a partir de algum homem¹¹⁰, o que não aconteceu, a liberdade nunca veio, encontrou, no entanto, incertezas, frustrações e o abandono em diferentes momentos. Ambas sempre brigavam, por qualquer coisa colocavam-se em lados opostos, flamengo ou vasco, garantido ou caprichoso, *isso* ou *aquilo*.

Eu cresci com a minha tia e a minha avó, mas tinha algo notável que se fazia *ausente* em todas as escolhas, na forma de lidar com o outro, na forma delas se construírem enquanto *pessoa*. Se fazia ausente muitas vezes de forma não consciente, o que fez com que essa *ausência* por muito tempo parecesse “certeza”, algo concreto.

Não por acaso, contornei o tema que me proponho a trabalhar, porque, por muito tempo, foi construído na minha cabeça assim. Os outros aspectos pareciam muitas vezes vir primeiro. Minha família materna é majoritariamente

109. Foi um processo conturbado desde o diagnóstico da doença até o encaixe certo da medicação. Em ‘crise’ refiro às instabilidades/confusões mentais que ela passou, e ‘não crises’ são os momentos em que ela se encontra mais calma.

110. Essa questão é delicada e não cabe a mim moralizar as escolhas da minha avó. Além disso, minha tia também ansiava por um “homem”, por um casamento. Porém, os motivos do querer e as escolhas de como lidar com isso foram distintos.

negra/preta¹¹¹, (existem “misturas”: etnias indígenas, um português que constantemente é lembrado, uma matriarca de Barbados, nordestinos, etc), minha tia, minha avó e minha mãe são mulheres pretas, porém, apenas minha mãe se auto reconhece/autodeclara, sendo ela, a mais “clara” das três. Eu cresci rodeada de mulheres, mas nem todas são negras e as que são, ou não se reconhecem¹¹² ou demoraram um pouco para conseguir lidar com isto.

Em relação a mim, carrego algumas incertezas em volta da minha *aparência*, incertezas que são expressas cotidianamente pelos ‘outros’, mas que além disso, carrego-as, na minha existência e *humanidade*. Em certos lugares eu sou “branca” (nunca suficientemente branca), em outros sou negra, e *dentro de mim* esses dois pólos também se fazem presentes, por ora, me vejo de uma forma, por outra, dessa forma já não faz mais sentido em sua completude, me sinto como um *pêndulo* em movimento, que constantemente vai e volta, sem fixar-se.

Em um caminho de dor, angústia e frustração, prego minha existência ao “social”¹¹³ e mais extremamente ao olhar do ‘outro’, mas o ‘outro’ não é um, são muitos ‘outros’, em posições diferentes, em espaços de poder distintos, e eu sou só *uma*, a qual, a partir desses diferentes olhares, me duplico. Me deixo atingir, eu sou muitas vezes o que me dizem que eu sou. Não me considero branca e nunca me considerarei como tal, todavia, não consigo me reconhecer plenamente como negra, porque baseio minha *autopercepção* na visão ambígua¹¹⁴, alheia a *mim*.

Este trabalho não é só uma busca às minhas “*raízes*”, mas se propõe entender por que parte fundamental dessas “*raízes*” se escondeu no meu cotidiano, entender que tipo de violência é essa que atuou e atua sobre minha tia, minha avó e minha mãe, e por extensão, sobre *mim*¹¹⁵. Arrisco dizer que será um trabalho inconcluso, infinitamente carente de algo.

111. Optei por utilizar no decorrer do texto, os dois termos: negro(a) e preto(a).

112. Há uma problemática que vai perdurar todo o texto, mas que, simultaneamente, percebo que faz parte do processo de encarar como se constroem identidades. A *autoidentificação* é parte fundante de reconhecer-se e portanto, afirmar-se enquanto alguém com identidades. Inúmeras vezes caí no erro de tentar definir minha tia e minha avó a partir de mim, e não delas, e vice-versa, tentar me definir a partir delas.

113. Nesse caso: ao externo; alheio.

114. Hoje (outubro de 2024), percebo que a dita “ambiguidade” de percepções, refere-se muito mais à pluralidade de identidades.

115. Optar por falar sobre isso faz parte de um processo novo. Principalmente, como resposta ao contato com alguns colegas de turma, e às discussões em sala de aula durante a matéria de *Seminário de métodos de pesquisa em ciências humanas*.

Meu intuito não é ser protagonista de algo, mas perceber as relações que me rodeiam e que de certa maneira auxiliaram na minha formação enquanto ser social, questões que merecem ser percebidas, sentidas e *faladas*. Olhar em direção a si, buscando a compreensão dessa espécie de *angústia ancestral*, pode ser algo elucidativo, simultaneamente, possuindo como pressuposto, que eu sou uma de muitos e muitas que se sentem assim, já que, a *racialização* é algo complexo, onde, no Brasil e especificamente no Amazonas, certos debates começaram a surgir recentemente.

Então para uma pessoa *racializada* ter *consciência-de-si*, como enuncia Fanon (2020 [1952]), não é algo simples e/ou rápido, mas, uma jornada de muita dor, e para que esta jornada aconteça, primeiro é necessário uma *autopercção*, a qual, tende a passar por inúmeros processos de violência até ser de fato encarada e respeitada por aquele que sente.

[...] Sinto em mim uma alma tão vasta quanto o mundo, uma alma realmente profunda como o mais profundo dos rios, meu peito tem um poder de expansão infinito. Sou dádiva, mas me aconselharam a humildade do inválido... Ontem, ao abrir os olhos para o mundo, vi o céu se retroceder de uma ponta a outra. Quis me levantar, mas o *silêncio eviscerado* fluía de volta para mim, com as *asas paralisadas*. Irresponsável, cavalcando o espaço entre o Nada e o Infinito, comecei a chorar. (Fanon, 2020 [1952], p.154, grifos meus)

O trabalho foi realizado a partir de entrevistas com a minha tia-avó e minha avó, com o intuito de compreender a *ausência* da questão racial na formação delas, e por último, na minha.

Entrevista com Z:¹¹⁶

Eu: A senhora se considera negra?¹¹⁷

Z: Como é?

Eu: A senhora se considera negra?

Z: Não.

Eu: A senhora se considera o quê?

Z: Eu me considero uma *moça bonita*.

Eu: Mas negro não é bonito não?

Z: Tem o negro bonito sim... Agora eu pergunto, quem disse para ti que lá os negros trabalham? Eles trabalham?

Eu: Trabalham.

Z: É igual. É igual os morenos, né?

Eu: A senhora se considera *morena*?

116. Realizada dia 08 de julho de 2023.

117. Infelizmente, existe, não só aqui, mas no decorrer dos diálogos com meus familiares, situações de 'violência simbólica', seja dentre as perguntas, afirmações e indagações. Em muitos momentos impus minhas percepções. Considero, não apenas falha de pesquisadora iniciante, mas, principalmente, por ter uma relação íntima com minha fonte/objeto de análise, e dispor de uma posição social diferente.

- Z:** Eu sou *morena*.
- Eu:** Mas o que é *morena* para senhora?
[...]
- Eu:** A sua mãe era negra?
- Z:** Minha mãe era *morena*.
- Eu:** *Morena?*
- Z:** *Morena*, é.
- Eu:** E suas irmãs? Todas *morenas*?
- Z:** Você conhece a 'D', né?
- Eu:** Conheço. Ela é *morena* para senhora?
- Z:** Ela não é *morena*? Ela é mais clara do que eu.
- Eu:** E a 'E'¹¹⁸?
- Z:** A 'E' na frente da gente ela já é *branquinha*. Agora eu sou *morena*.
- Eu:** E a 'D' também?
- Z:** A 'D' também. **Tu vai perguntar: aqui tem uma 'Z' que é branca? Claro que não tem, né.**
- Eu:** Não tem 'Z' branca, né?
- Z:** Claro que não. 'Z' só tem a 'Z', que é essa. A 'Z' bonita.
[...]
- Eu:** Para senhora eu sou o quê?
- Z:** Você é minha sobrinha.
- Eu:** Mas de cor.
- Z:** De cor? De cor na minha frente você é *branca*. Eu sou *morena*. E eu gosto da cor *morena*.
- Eu:** Sim, mas da negra não?
- Z:** Não, eu não tenho raiva da negra não.
- Eu:** Mas a senhora não se considera?
- Z:** Se eu considero a negra? Não. E quem é negra na nossa família?
- Eu:** A Xandu¹¹⁹, a Xandu não era?
- Z:** A mãe-Xandu era. Mas ela, quando ela faleceu, vocês eram crianças.
- Eu:** Ainda não tinha nascido. E os seus tios eram *morenos*?
- Z:** Os meus tio, é. O *tio tata* é *moreno*, sabe?
- Eu:** O que lhe passou o dom da benzedura era *moreno*?
- Z:** Ah sim, foi. Você não esqueceu, né. Foi mesmo.
[...]
- Eu:** A senhora acha que eu pareço com a mamãe?
- Z:** A tua mãe? Não.
- Eu:** Não, por quê?
- Z:** Por causa da cor? Você é *morena-clara*. Na frente da Zaíra¹²⁰, a Zaíra é *morena* da minha cor, por quê? Chamavam para ti '*branca*' e para ela '*preta*'?
- Eu:** Às vezes.
- Z:** É, tem gente que não sabe transferir. Não sabe transferir não a cor. *Leva com beira*.
- Eu:** Como assim?

118. Com a sigla 'E' refiro-me à minha mãe.

119. Alexandrina, mais conhecida como Xandu pela família, era a mãe de Olga, então, bisavó de Z e D.

120. Zaíra era uma irmã dela. Em alguns momentos minha tia confunde minha mãe com as suas irmãs, esse foi um caso em que isso aconteceu.

Z: Digamos, eu chego lá na loja e vou procurando comprar, não vou procurar quem é bonito, quem é feio, quem tem dinheiro. Eu peço logo o que eu quero comprar, aí me atendam, aí eu saio com meus embrulho e vou embora para casa [...]

Entrevista com D¹²¹:

[...]

D: A Z rezava para criança e adulto, para *quebranto* e *vento caído*¹²² em criança.

Eu: Vento caído é o que?

D: É quando a criança também começa a chorar, chorar, e a moleira da criança fica lá dentro, né [...] fica lá dentro a moleira da criança, então chamam assim “vento caído”.

Eu: Mas, o da tia Z foi passado, né? Por um tio de vocês.

D: Da Z quem ensinou ela a rezar, a *costurar*¹²³ foi o tio Arthur, irmão mais novo da mamãe. O tio Arthur tinha esses dons assim, de costura. Eu sei que ele que ensinou ela e ela aprendeu direitinho, e ela ajudava.

Eu: Ele era católico?

D: Era *quebranto*, *vento caído*, essas coisas. Essas coisas que a criança adoecia [...]

Eu: O tio Arthur era católico ou não tinha religião?

D: O tio Arthur era, ele nasceu com um dom que foi descoberto com 12 anos de idade. O tio Arthur era *espírita*. Espírita de os espíritos incorporarem nele. Só que como o ‘papai Arthur’ não gostava, não acreditava...

Eu: ‘Papai Arthur’ o seu avô?

D: É. Não acreditava. E cada vez que o tio Arthur tinha, que ele sentia que ia acontecer uma coisa com ele, ele sumia, ela ia embora para o meio do cacau, para qualquer canto... que era para ele não ficar em casa, ele era um menino ainda quando começou.

Eu: Mas aí ele não teve nenhum apoio?

D: Teve depois dos irmãos, mas... E mesmo, aconteceu uns fatos interessantes, e a mamãe disse que mesmo assim o ‘papai Arthur’ ainda não acreditava, queria bater nele. Ele, o espírito incorporava nele e fazia ele andar em cima do fogo, dentro, em cima das brasas. Na época de fogueira né, que era mês de junho, o pessoal fazia fogueira lá.

[...] Aí a mamãe contava né, que ele andava pelas fogueiras, e *não demorava um pedaço*¹²⁴, parece que o espírito lá incorporava nele, aí que quando procuravam pelo tio Arthur chamavam ele e não encontravam ele, mas quando achavam diziam, “*ei corre aqui, o Arthur tá pulando em cima da fogueira, em cima da fogueira*”, aí a

121. Realizada dia 09 de julho de 2023.

122. *Quebranto* e *vento caído* são concepções e expressões muito usadas, principalmente, no interior do Amazonas, referindo-se à enfermidades em crianças, no caso de *quebranto*, é oriundo de “olhares” mal intencionados de adultos.

123. *Costurar* aqui refere-se à costurar torções, por meio de rezas.

124. Expressão popular que quer dizer: “não demorava”.

mamãe disse que eles corriam para lá e ele tava dançando em cima da fogueira no fogo mesmo, ele passava, não sei, alguns minutos lá pulando, aí eu sei que mesmo vendo, ele não acreditava, ele queria dar uma surra nele.

Eu: O 'Arthur pai' era brasileiro?

D: O vovô era português da *gema*¹²⁵. Era português legítimo.

Eu: E ele era casado com a Xandu?

D: Foi. Eu acho que ele não aceitava essas coisas né, não acreditava. Aí a mamãe dizia que iam procurar examinar ele e estavam direitinho, não tinha queimado nada.

Eu: E ele lembrava depois o que aconteceu?

D: A princípio, não. Não lembrava de nada. Ele era conduzido mesmo. Aí eu sei que a mamãe dizia que sempre que acontecia essas coisas estranhas com ele. Ele¹²⁶ levava ele para qualquer canto, fazia alguma coisa, às vezes batia nele, dava umas peias nele né. Mas ele não parava, não parava. E eu só sei te dizer que assim ele continuou, seguiu a doutrina dele até [...] não sei quantos anos o tio Arthur tinha, eles foram se afastando dele, mas ele fazia muito assim depois era rezar em criança né.

Eu: Ele teve filhos?

D: Ele nunca casou. Acho que pelo fato exatamente dos *espíritos*.

Eu: A doutrina dele era espírita mesmo? Ele foi por esse caminho? Ou era uma mistura?

D: Não. Eu acho assim que foram duas coisas, tanto a doutrina espírita quanto o catolicismo, porque o tio Arthur ele gostava de igreja, ele frequentava missa, novena...

Eu: Mas ele teve, assim, algum auxílio de alguém que trabalha com isso?

D: De alguém do espiritismo?

Eu: Sim.

D: Não, nunca teve. Nunca teve ajuda de nenhum, pelo contrário, ele que procurou ajudar, e algumas pessoas que ele sabia que tavam... como se diz, tinha coisa para cumprir dali para frente, tinha dom de receber espírito ele procurava ajudar, ele sabia, ele sentia.

Eu: A tia Z foi assim, será?

D: Com a Z ele descobriu foi que uma freira seguia ela, ela era perseguida por uma freira, por isso que ela passava muitas horas rezando [...] acho que o espírito da freira se encostou nela e fez ela rezar sem parar [...] ela passava quase duas horas rezando [...] ela tinha aquele horário dela de rezar, meio dia e seis horas, né.

[...]

Eu: E o dom? Esse dom foi só para ele?

D: Não, porque por incrível que pareça... Eu acho que o Tio Arthur me procurou mais por causa disso. Porque o tio Arthur na realidade queria que eu continuasse fazendo alguma coisa, mas aí eu disse para ele que não, que eu não queria não. Eu era muito nova, eu tinha vergonha, eu não queria.

125. Expressão popular que quer dizer: legítimo, verdadeiro, autêntico.

126. O 'Arthur pai'

Eu: Vergonha de quê?

D: De ter, o espírito, o espiritismo...

Eu: Mas quando começou?

D: Eu tinha 18 anos de idade.

Eu: Mas como foi?

D: O que aconteceu foi o seguinte, nós morávamos na Beira-mar de Educandos. Aliás, 18 anos não, eu tinha 15 anos, quando eu completei 15 anos. Eu tinha uns sonhos esquisitos sabe, eu sonhava que eu tava nadando, nadando, nadando e eu não parava de nadar. Aí eu sempre contava para mamãe. Aí quando foi um dia eu caí doente, eu não lembro assim como foi que eu adoeci, eu não sei se eu sofri um desmaio, eu só sei que eu adoeci, aí eu passei quase 30 dias acamada, é, até, eu passei tão mal, eu não falava, não abria os olhos e eu sei que naquele tempo a gente não tinha cama, né? Tudo era rede, algumas pessoas iam lá rezar na minha cabeça e tudo, e uma senhora que morava lá mesmo na Beira-mar de Educandos ela disse para mamãe que enquanto eu não encontrasse uma pessoa para resolver o problema da minha cabeça, ela não vai melhorar, porque ela tem uma espiritualidade em cima dela, ela possui uma mediunidade, e não é ruim, ela disse, tem muitos espíritos bons aqui perto dela. Mas aí a mamãe já teve aquele problema com o tio Arthur, aquele negócio todo né, aí eu acho que ela já ficou *cabreira*¹²⁷, e alguns dos meus irmãos não iam aceitar, e eu também ficava preocupada com isso.

Eu: Mas, por quê? Quais irmãos?

D: Os mais velhos, né.

Eu: Os homens?

D: É, os homens.

D: Aí, eu sei que eu passei quase 30 dias de cama, de cama né, na rede. Aí, eu sei que era uma senhora por nome Conceição, aí depois os meninos descobriram um senhor que morava lá para o lado do Morro da liberdade... Eu só me lembro que parece que era um tal de 'Seu Chiquinho', através da dona Conceição descobriram esse senhor, então, ela só podia fazer alguma coisa por mim se fosse chamar esse senhor porque ele ia ajudar ela, ela disse que ela sozinha, ela não ia ter força de lidar comigo, porque tinha uns bons e tinha uns muito fortes que ela não ia saber como afastar, podia ter caso de revolta aí, ela falou [...]

Eu: Tinha quantos?

D: Eu não lembro bem, mas ela disse que tinha alguns lá comigo, então essa era a razão de eu não levantar e também não abria os olhos.

Eu: Quem lhe contou isso tudo?

D: A mamãe. Porque ela teve que sentar e conversar comigo depois que eu sentei e melhorei, ela disse o que eu ia ter que fazer, que eu ia ter que cumprir. Eu chorava, me desesperiei. Eu disse para ela que eu não queria, não queria. Tentei um suicídio e eu acho que eu só não consegui mesmo porque era muito nova e não sabia mesmo como a gente fazia outras coisas para desaparecer de vez né. Eu não queria de jeito

127. Expressão popular que significa: ficar apreensivo(a).

nenhum.

Eu: Meu Deus. Como foi? Com remédios?

D: É, tinha lá uns remédios da mamãe, não sei como foi, mas eu procurei tomar os remédios [...] Eu dizia para ela que eu não queria não, eu dizia, *“como é que vou fazer? Eu vou para escola, vou estudar, as pessoas vão ficar sabendo. Não quero isso não, mãe”*, *“tinha que ser em mim?”*, falei para ela, *“tinha que ser comigo?”* Aí ela: *“e como é que a gente vai afastar?”*. Eu só sei que aí conseguiriam chamar esse tal de ‘Seu Chiquinho’, lembro bem dele que era um senhor alto, pretão *mermo*, bem forte.

Eu: Ele era de?

D: Ele era um espírita, ele era um senhor que trabalhava com... ele recebia, ele era da *macum*... era da, como é? da umbanda. Ele recebia os espíritos. Aí, eu só sei que quando a dona Conceição chegou lá com ele, quando ele me viu ele *“vixé”*, ele disse para mamãe, *“comadre, me dê...”* não sei o que que ele pediu, *“o negócio aqui tá forte viu. Não tem só um não, a gente vai ter que lutar muito. Eu vou tentar afastar o mais pesado daqui, os de linbas boas, das linhas brancas, eu não vou conseguir afastar não”* *“o que tiver na linha escura aqui...”* que ele não chamava magia negra né, *“o que tiver na linha escura aqui eu vou ter que afastar agora”*. Aí, eu sei que ele fez umas orações e tudo e falava, falava. Até que ele conseguiu me tirar da rede. Aí, ele pediu para mim ficar em pé né, eu tava não sei quantos dias sem comer, sem tomar nada, eu tava muito fraca, mas eu não caí né, eu fiquei em pé e tudo [...] ele passou uns banhos aí para eu tomar, por 7 dias [...] aí eu só sei te dizer que o ‘Seu Chiquinho’ conseguiu me ajudar. Eu levantei, saí do fundo da rede, mas também passei muito tempo sem aula né, tava acamada [...] aí ele me ajudou, disse para mamãe que eu tinha fazer umas orações, fazer outros banhos, e que se eu precisava ele ia voltar lá, mas ele achava que dali para frente eu ia procurar tomar minhas coordenadas sozinha. Depois que ele saiu eu disse para mamãe *“eu não quero isso não. Mãe, eu sou muito nova e eu não gosto dessas coisas não, não quero não”*, aí ela disse: *“mas você não pode, você não vai poder recusar”*.

D: Aí passou uma temporada, acho que eu tinha saído para aula, quando eu cheguei lá no quarto a mamãe tinha preparado a mesinha, uma toalha branca e um copo de água bem centro, acho que ela tinha sido orientada para fazer isso daí na minha ausência. Aí que quando eu cheguei e entrei, aí eu deparei com aquilo ali, eu tomei um susto, parece que a minha cabeça cresceu, cresceu, cresceu, aí quando eu fui olhando, olhei de novo, eu firmei assim para mesa, para o copo, eu vi um índio, dentro do copo, mas um índio perfeito mesmo, com aquele negócio na cabeça e tudo, aí eu olhei para o outro lado, voltei a minha vista de novo, olhei para o outro lado de novo, ele estava lá. Aí o que que eu fiz eu peguei o copo e joguei lá na parede, aí a mamãe entrou né, ela ouviu o barulho do copo, *“que que tu fizeste?”* *“mãe, eu quebrei aí um copo, não coloquei mais outro copo aí não. Não coloque outro copo aí não, mãe. Tem um índio aqui dentro do quarto. O índio tava dentro do copo”*, aí ela *“como é que tu sabe que era um índio?”*, aí eu digo *“era um índio, mãe. Era um índio, mãe. Eu sei que era um índio. Tinha*

alguma coisa na cabeça e tinha um colarção no pescoço”, aí ela disse: “mas você não vai empatar não, vou colocar outro copo de novo com água”, aí eu sei que a mamãe colocou outro copo aí eu digo “tá bom, cobre o copo, não vou mais olhar para o copo”.

Eu: Era só a senhora que conseguia ver?

D: Não, mas teve uma vez que a mamãe viu. Aí, eu sei que tanto que quando ela viu, ela me chamou e disse: *“olha não quebre mais outro copo e nem faça nada porque ele vai lhe ajudar. Ele é índio, mas ele é um índio bom”*, aí eu: *“mas como a senhora sabe? Mas tinha que acontecer essas coisas comigo?”* [...] aí eu sei que quando foi um dia né, aí eu tava sozinha no quarto, aí que quando eu não consegui mais... parece assim que tinha dormido, rapidinho, aí parece que depois quando eu me espantei de novo, aí eu tava assim, tonta, tonta, aí eu *“mãe, o que aconteceu comigo. Mãe, o que aconteceu comigo?”*, ela disse *“não se preocupe, eu estava conversando com seu pai”*, eu disse *“mas o papai não tá aqui há muito tempo”*, ela *“eu estava conversando com seu pai de cabeça. ele se identificou e disse era seu pai de cabeça”*

Eu: Por meio da senhora? A senhora incorporou ele?

D: Sim, aí eu disse *“mas como, mãe?”* Eu procurava saber, mas nessas alturas já tava chorando. Aí ela disse *“não se preocupe se você nasceu com esse dom você vai ter que cumprir, você vai ter que cumprir”*, aí eu disse, *“mas todo mundo vai saber? Eu vou ter a fama feia, uma fama ruim...”*

Eu: A senhora tava com medo que acontecesse o mesmo que aconteceu com o tio Arthur?

D: Pois é, e outra coisa, essas pessoas levavam o nome de *macumbeiros* né, essas coisas todas. Aí, eu não queria, sabe? Essa expressão para cima de mim. [...] Aí, eu sei que ela tentou me convencer de uma forma, e quando foi um dia aí [...] aí eu só sei te dizer *que sem quê nem pra quê*, minha cabeça rodou, rodou e eu desmaiei, mas na realidade eu não tinha desmaiado, ele que *apoderou* de novo da minha cabeça. [...] aí ele disse que, não sei o que ele queria que fizessem, mas disse que durante uns 20 dias ele ia me preparar, e que daqui uns 6 meses mais ou menos, ou eram uns 3 meses, *“eu vou fazer a coroação dela”*.

Eu: A coroação seria para ele ficar fixo como pai de cabeça?

D: É. Aí, ele disse *“eu vou fazer a coroação dela, e a coroação dela, ninguém se espante. Tô avisando vocês, não é para vocês se espantarem. Ela vai ser coroada não espiritualmente, vai ser...”* não me lembro a palavra, *“do jeito que ela está, eu vou levar ela, até o meu recinto”* até não sei aonde. Aí, quando foi uma bela noite... As casas na Beira-mar de Educandos, era uma perto da outra, acho que era 1 metro só de distância de uma para outra [...] aí no meio quando o rio enchia, ficava cheio, a água ia para debaixo da casa, saía as vezes lá atrás no quintal, aí eles faziam uma ponte para poder lavar roupa, pegar água, tudinho né. Aí, eu sei que quando foi, eu tava muito bem obrigada, sem menos esperar. Aí, a mamãe disse que ele chegou, eu perdia totalmente, não sabia de nada. Aconteceu tipo um desmaio, mas eu não caí, eu sentei na cadeira, não falei com ninguém, eu só retirei a vela que tava na mesa e aí eu saí com aquela vela [...]

Eu: A senhora estava com quantos anos?

D: Não me lembro bem, acho que 18 anos [...] Aí, a mamãe disse que eu saí com a vela na mão [...] eu ia na direção da pontezinha [...] quando cheguei lá no finalzinho da ponte, eu peguei a vela, deixei em cima da ponte [...] quando viu eu “*tchum*”, eu caí não foi nem de cabeça, foi em pé, ela disse que foi tipo um “*schum*”, ela disse que eu sumi ali na água, eu sumi na água [...] ela disse que a única coisa que apareceu na água quando eu caí foram aquelas borbulhas, ela disse que eu fiquei desaparecida ali mais ou menos quase meia hora [...] aí a mamãe disse que não demorou um pedaço eu subi “*tis*”, tipo uma vela, ela disse que eu subi, parece que foi assim, tipo um foguete, fui lá em cima da ponte [...] aí ele foi e me entregou para mamãe e disse para a mamãe “*amanhã você pergunte dela, como foi a coroação dela. Ela vai acordar, depois ela vai dormir, e ela sonhar como foi a coroação dela, pergunte dela*” [...]

D: Eu dormi. Eu tive um sonho assim como nunca tinha sonhado na minha vida?, por incrível que pareça. Olha, assim, na realidade eu nunca entrei assim, num palácio, a não ser no palácio Rio Negro ali né, quando a gente brigava com o governador e a gente nem entrava, ficava na frente. E, parecia um palácio, sabe. Era muita coisa enfeitada, muita coisa enfeitada mesmo, você só não viu assim balão, balão a gente não via, mas eram tipo bandeirinhas, essas coisas assim brilhosa, enfeitada e luzes, tudo cheio de luzes. Aí, eu comecei a ver exatamente a partir do momento que entrei na água, peguei logo um caminho, parecia um túnel, tinha um rapaz que parecia um guardinha, um sentinela, ele pegou na minha mão e me conduziu até lá na frente. Sabe quando a gente brinca de quadrilha? Era umas do lado e umas do outro, todas muito bem vestidas, bem vestidas mesmo, parecia assim roupas de luxo, de um lado e do outro.

Eu: A senhora conseguiu ver os rostos?

D: Não, algumas pessoas eram bem simpáticas, outras não dava assim para mim ver [...] aí o rapaz me conduziu até lá na frente, quando eu chego lá na frente que eu vi, tinha um rapaz muito bonito, mas ele era lindo, lindo, lindo. Eu nunca tinha visto. Branco, branco *mermo*. O cabelo era assim, não era loiro nem preto, era todo *matizado* [...] e ele tinha uma coroa e parecia um manto, mas aqui quando eu cheguei ele pediu para eu ficar bem na frente dele. Isso eu nunca vou esquecer em toda minha vida, só quando eu morrer. Aí, eu cheguei na frente dele, “*não tenha vergonha, você está diante do seu pai, Aqui é o meu reinado, aqui você vai me conhecer como A J¹²⁸ Aqui eu mando. Aqui é o meu reinado. Mas eu tenho outra personalidade, lá fora você vai conhecer o índio. Então quando perguntarem para você quem fez sua coroação você vai responder “meu pai, o A J”* eu sou seu pai. E não adianta você chorar, gritar porque eu não vou sair da sua cabeça, só quando for o tempo” aí eu queria falar alguma coisa e perguntei para ele: “*mas todo mundo vai saber? Eu tenho vergonha, eu sou muito nova*” eu falei para ele né, “*você não pode ter vergonha do seu pai, de jeito nenhum. Primeiro que eu não vou*

128. Suprimi o nome do encantado, pois não tenho permissão para revelar.

lhe abandonar, lhe deixar. Você tá me conhecendo aqui e você vai me conhecer do outro lado” [...]

Aí, ele pegou, chamou uma moça que tava do lado dele com uma roupa toda brilhosa, e ela veio com uma coroa assim e deu na mão dele, aí ele colocou aquela coroa na minha cabeça e disse “*aqui você está pronta, aqui é o seu reinado. Mas você tem o outro lado*” [...] foi meia hora que eu sumi, não sei, mas para mim eu passei foi muito tempo né. Aí, eu sei que ele terminou ali e pediu para a pessoa me conduzisse até lá fora, me conduziram até lá fora e eu voltei né [...] Então, ele disse que me mostrou tudo isso que era para saber que ele existia. Aí, quando eu saí de lá ele disse que o índio, o índio mesmo, eu ia conhecer de outra maneira, mas que era ele também.

D: Aí, eu sei que quando foi um dia eu conheci ele no copo, na evidência. Ele apareceu para mim como já tinha aparecido antes, aí ele falou alguma coisa que eu não entendia [...] aí quando foi um dia ele foi, era meio dia ou seis horas da tarde. Tava eu com a mamãe, o Edeilson¹²⁹, éramos 3 ou 4. A mamãe disse que eu fiquei assim, parece que fiquei em transe, aí ela disse que eu comecei a cantar, era toada de indígena, aí a mamãe ficou atenta. E quando terminou ele se identificou, que ele era o F¹³⁰ da aldeia grande, que ele era o meu pai de cabeça, em outra linha, na linha da umbanda, ele era o Caboclo F, e em outra ele era o A J. Aí ele foi, cantou o ponto dele [...]

Eu: A senhora sente falta dele?

D: hm, hoje em dia não. Mas conversando assim. Às vezes eu lembro, sabe.

Eu: É porque parece. Trouxe uma energia boa.

D: Eu lembro não bem entendido do príncipe do rei, mas o índio parece que ele tinha mais proximidade comigo quando ele vinha do outro lado. Então, e o bom que ele fez, ele não deixou nenhum da *magia negra* se aproximar de mim, isso aí eles tiraram, eles cortaram mesmo.

D: Olha, se tu souber Olga, se tu fosse nascida naquele tempo, eu ia fazer uma relação de alguns que baixaram na minha cabeça, na minha coroa [...]

Eu: Mesmo com a coroação ainda vinham outros?

D: Não eram só eles dois não, eles deram permissão para outros, para curar, fazer cura nas outras pessoas. Na Beira-mar de Educandos se eu te disser que quando começaram a saber o que tinha acontecido [...] e teve mais, ele marcou os dias que ele ia fazer a sessão dele e receber algumas pessoas que quisessem conversar com ele [...] A mamãe teve que mandar, assim, fazer uns bancos na sala, tu acredita? Eu só faltava morrer de **vergonha**. Enchia de gente lá para fazer a sessão, enchia de gente lá. Tinha pessoas que tinham preferência, tinham pessoas que tinham uma preferência danada pelo Caboclo R¹³¹ né [...] Aí com essa arrumação da casa ficar cheia, foi que eu tinha **vergonha**, eu comecei a ficar com

129. Meu tio, irmão dela.

130. Suprimi o nome da entidade, pois não tenho permissão para revelar.

131. Suprimi o nome da entidade, pois não tenho permissão para revelar.

vergonha, vergonha de lá no colégio ficarem sabendo, e porque lá por cima em Educandos algumas pessoas já sabiam. Aí, foi aí que eu **tentei um suicídio**. Eu disse para mamãe que eu não queria mais não, eu disse “*Eu não quero isso não para mim, mãe. Eu sou muito nova. Eu vou acabar fazendo uma besteira*” [...] passei quase 15 dias no hospital, tive que fazer lavagem para tirar o tanto de remédio que tinha tomado, aí eu disse para mamãe “*não quero mais aquela pessoal aqui dentro de casa, senão da próxima vez eu vou procurar fora tomar alguma coisa, aí eu não volto para casa*”

Eu: Ele ficou chateado com a senhora?

D: Quem?

Eu: O caboclo.

D: É, eles não gostaram muito. Porque disseram que eu tinha uma missão para ser cumprida que não ia ser para o resto da vida. Então, eles tinham um tempo para se afastar, mas eu tinha que cumprir direitinho. Eu não tinha que recusar eles, se eu recusasse ia começar a acontecer coisas ruins para mim, então não era para mim se afastar [...]

[...]

Eu: Mas a senhora passou o tempo sem... ficou um tempo...

D: Eu passei. Passei uns 15 dias no hospital militar. Quando eu voltei para casa e tudo, eu passei uma temporada mesmo, mas depois a dona Conceição foi conversar comigo, aí ela disse que eu não podia, ela disse: “*você não pode fazer essas coisas não e*” ela disse “*e não fique contra eles, porque você não tem uma linha ruim, eles só querem lhe ajudar. Assim, quando chegar o tempo mesmo, pode deixar que eles se afastam, eles vão se afastar, mas eles sempre vão procurar te ajudar, onde eles estiver, por onde eles andarem, eles vão te ajudar ainda*” ela disse “*não se preocupe, mesmo afastado*” [...] [...] ¹³²

D: Pois é, mas isso daí eu acho que foi mesmo uma herança do ‘títio Arthur’ que passou para mim.

Eu: Sim, mas deixa eu lhe perguntar. A Xandu era de Barbados, né?

D: É, a mãe Xandu. Segundo os mais velhos, o ‘papai Arthur’ conheceu ela de lá e trouxe para o Paraná da Eva, porque ele era viajante, ele... Quando ele veio de Portugal, ele montou um comércio, ele era o maior comerciante do Paraná da Eva. Então, ele... Primeiro os comércio eram assim, dentro da embarcação, aí eu sei que ele montou o comércio dele, aí nessas viagens dele, que ele viajava não sei para onde de barco foi que ele conheceu ela. Só sei que eles casaram e tiveram, acho que 6 filhos deles... Tio Irineu, Tio nenê, Tio tata, Tio Arthur, a mamãe, e a tia Miloca. O tio Irineu era o mais velho, o tio Irineu era muito parecido com a mãe Xandu, assim como a mamãe, tanto na cara, como na cor. Os filhos

132. Aqui, ela fez uma digressão contando de quando, nos anos seguintes, já com suas duas filhas nascidas, namorando um homem um pouco mais novo que ela, frequentava todos os finais de semana bares pelo Japiim e constantemente se envolvia em brigas, relatou casos de briga por ciúmes, mas além disso, brigava com homens que se achavam no direito de lhe importunar. Brigava com garrafa de cerveja, murro e soco. Ela não tinha medo de partir para a violência física. Essas lembranças foram ressaltadas como forma dela exemplificar a ‘ajuda’ que continuava recebendo de seu ‘pai de cabeça’ e dos que ainda a acompanhavam, mesmo ela não aceitando seu dom, eles aos poucos foram se afastando, mas continuavam a lhe ajudar nesses momentos de perigo.

que mais puxaram para ela, foi a mamãe, tio Irineu e o tio Arthur também era *moreno*, moreno mais claro.

Eu: A Olga, a Olga era mais escura?

D: A mamãe era quase da cor da mãe Xandu, a mamãe e o Tio Irineu, eles eram bem escuros mesmo.

Eu: Ela se considerava negra?

D: Eu acredito que sim né. A tua mãe que disse que não existe *moreno*, né.

Eu: Pois é, para lhe perguntar se a senhora se considera negra também?

D: Negra, não! Não me considero negra. Não sei se é o que vem de dentro de mim, mas para mim eu sempre fui *morena*. Que o moreno não existe, né. Existe o *pardo* né, o *pardo*?

Eu: É, existe na certidão de nascimento.

D: Ah, tá! Pois é, Olga. Mas eu tinha tanta vontade de conseguir o quadro da foto da mãe Xandu, mas de todos os primos ninguém tem mais [...]

Não sei que fim deram nessas fotos, não sei como eu consegui a foto dele só, a dele eu ainda tenho, mas a dela, não consegui mesmo. A dele eu ainda tenho, vou já te mostrar¹³³.

[...]

Eu: Vó, a senhora considera que a senhora já sofreu algum preconceito¹³⁴?

[...]

A vergonha, a vergonha e o desprezo por mim mesmo. A náusea. Quando me amam, dizem que é a despeito da minha cor. Quando me detestam, acrescentam que não é por causa da minha cor...Por um lado ou outro, sou prisioneiro de um círculo vicioso. (Fanon, p. 131-132, 2020 [1952])

A entrevista com a minha avó me fez ir atrás de algum conhecimento¹³⁵, mesmo que o *mínimo* e ainda superficial, sobre os *caboclos*, incorporação e religiosidade. No entanto, esse que é um dos pontos mais importantes da entrevista, a relação da minha avó com o *dom* imposto à ela não é associado por ela de forma direta à nenhuma religião específica de matriz africana, em certos momentos ela cita à Umbanda, mas, em nenhum se coloca vinculada à ela – e talvez realmente não estivesse. Em contrapartida, quando diz que o principal motivo para não ter encarado de frente seu “dever” ter sido pela “*vergonha*”, porque as pessoas iriam ficar sabendo o que exercia, “*e outra coisa, essas pessoas levavam o nome de macumbeiros né, essas coisas todas. Aí eu não queria, sabe? Essa expressão para cima de mim.*”.

133. Ela tinha uma foto da foto salva no celular e me mostrou.

134. Ela fingiu que não me ouviu e voltou para o assunto da foto do ‘Português Arthur’, me mostrando a foto e ressaltando a cor dos olhos dele, azuis.

135. Li três artigos: 1) *A passagem dos caboclos. Ou como os caboclos tocam*, de Paula Siqueira (2020); 2) *Tambor de Mina e Umbanda: A passagem dos caboclos no Maranhão*, de Mundicarmo Ferretti (1997); e 3) *O pajé e o caboclo: de homem a entidade*, de Véronique Boyer (1999).

A *macumba* é uma prática que é associada diretamente às religiões afro-brasileiras. Aqui, como em muitos casos, ela entrou como um *estigma*, de forma errônea como uma prática vinculada ao uso de “*magia negra*”, como minha avó mesmo diz, quando na verdade, não o é. A *vergonha* dela está relacionada ao que podemos entender como *racismo religioso*. Em partes, da parte dela, mas, principalmente, por receio de sofrer com isso, receio de ficar *mal falada, mal vista*, de ficar *estigmatizada*. Afinal, quantas violências alguém suporta carregar?

Muito jovem, seu único amparo verdadeiro partia de alguém também “leiga” no assunto, minha bisavó. Que tentou ao máximo auxiliá-la, para que ela não ficasse desamparada como o ‘Tio Arthur’ ficou. Não a bateu como meu tataravô o fez. Por esses relatos – os quais foram uma novidade para mim, posto que, eu cresci com os eventos religiosos de D sendo um completo *tabu* dentro de casa, minha mãe apenas começou a comentar brevemente sobre, nos últimos anos – é nítido o amparo que a bisavó Olga tentou dar a ela, no entanto, tristemente, não foi suficiente. Considerando também a grande responsabilidade que vinha com esse *dom*, é compreensível as hesitações e os medos que podem vir junto (principalmente para alguém *não iniciado*), porém, o enfoque maior dado por ela, foi na *vergonha* já mencionada – contudo, ela também falou com carinho de seu pai de cabeça e de outros que chegaram a lhe acompanhar. É um assunto complexo que poderia resultar inúmeros textos, cabendo também uma análise mais aprofundada a respeito deste tema em específico.

Para este trabalho, a partir desta entrevista, irei interpretar que, pela *vergonha*, ela não conseguiu lidar com seu *chamado* e seu *dom*, e por não conseguir, se apegou às circunstâncias de perigo, raiva e violência, além da dependência com o álcool que foi se acentuando, posteriormente. Aponto também aqui, a relevância da relação do *dom* da incorporação (e cura) com as religiões afro-brasileiras e com o racismo, o qual, ela tinha *pavor* de sofrer. Assim, com ela, eu pude sentir, portanto, uma dupla negação: primeiramente e fundamentalmente, de sua *cor*, e em seguida, de sua *possível* espiritualidade que pode estar vinculada, e neste caso, estava, a sua *cor* e aos *estigmas* agregados à ela.

Frantz Fanon (2020[1952]) expõe os casos do que ele chama de *preconceito de cor*¹³⁶ que sofreu enquanto estava na França, enfatizando que não sofreria esse mesmo tipo de preconceito em seu lar, “[...] enquanto o negro estiver em seu lar, não precisará, exceto por ocasião de lutas externas de menor gravidade, se por a prova de outrem [...]” (p.125). Porém, não existe *lar* no

136. “[...] Era ódio; eu era odiado, detestado, desprezado, não pelo vizinho da frente ou pelo primo materno, **mas por toda uma raça** [...]” (p.133, grifos meus).

Brasil, não existe *lar* no Amazonas, não existe *lar* em Manaus, não existe *lar* em nenhum bairro, e muitas vezes também não existe em casa, para os negros e negras “brasileiros”¹³⁷.

A *experiência colonial*, usando a expressão do próprio Fanon (2022 [1961]), se apoderou das mentes dos colonizados, de forma tão eficaz que mesmo os oprimidos de “todas as cores” nascidos e situados aqui, praticam violência uns para com os outros, em que, o negro e a negra em seu suposto *lar* (não apenas estes, mas os povos indígenas também) continuam fadados à desumanização, carentes de humanidade. Posto que, esta humanidade defendida e cultuada tem cor e *aparência*, é branca. Ela não é para todos, o que faz com que sejamos para sempre *os condenados da terra*.

O homem só é humano na medida em que busca se impor a outro homem, a fim de ser reconhecido por ele. Enquanto não for efetivamente reconhecido pelo outro, é esse outro que permanece o tema de sua ação. É desse outro, do reconhecimento por parte desse outro, que dependem seu valor e sua realidade humanos. É nesse outro que condensa o sentido de sua vida. (Fanon, p.227, 2020 [1952]).

Mas, é um caminho tortuoso até percebermos isso. Os negros buscam incessantemente encaixar-se no olhar do branco, perpetuando práticas com o desejo de esconder sua cor, sua aparência, sua ancestralidade. Como minha avó, a qual, praticamente cultua o avô português, simplesmente por ser uma homem branco de olho azul, enquanto que o retrato da matriarca Xandu permanece desaparecido pela família.

Z e D seguiram rumos parecidos no lidar com a *cor*, se apegaram aos poucos indivíduos brancos da família e ao fato de não serem tão *escuras* quanto a mãe, para entenderem-se como pessoas *não-negras*, aderindo ao termo *morena* como alicerce existencial. O que provoca uma sensação de *ausência-manifesta*, por não se reconhecerem como mulheres negras, esta problemática nunca foi realmente debatida em casa¹³⁸, então, a *ausência* é em relação à formulação de um *ser-para-si*¹³⁹, entendendo como este tipo de formulação existencial impactou (e impacta) diretamente o *ser-para-si* da minha mãe, uma mulher negra de pele clara, e por extensão, também o meu.

137. Em se tratando da questão específica da região Norte, e de Manaus, os processos de construção de territorialidade, de espaço social, e de possibilidade de um “lar”, estão vinculados a momentos de luta e resistência. Onde, por exemplo, a formação de *quilombos* é um reflexo disto.

138. Elas não são as únicas da família a se entenderem desta forma, boa parte das tias em que tive contato compartilhavam do mesmo sentimento, repassando-o às filhas, filhos, e assim por diante.

139. Utilizando o termo de Fanon em *Pele negra, máscaras brancas*.

O que quero dizer é: por forçosamente desejarem se aproximar da *brancura*, sua *existência-negra* foi suprimida por elas, todavia, simultaneamente, de uma forma ou de outra, essa existência ainda se tornava manifesta, já que, nunca foi realmente possível esconder seus corpos negros, assim sendo, o *ser-para-si* se tornou *falso*, concomitantemente, refém do olhar do outro. E digo, não por responsabilidade delas. Essa *alienação* vem de um lugar de dor e violência, onde a negação de si é fruto direto dessa violência, simultaneamente em que também é uma *auto violência*.

“EU”

[...] A descoberta de ser negra é mais do que a constatação do óbvio. (Aliás, o óbvio é aquela categoria que só aparece enquanto tal, depois do trabalho de se descortinar muitos véus). Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. **Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades.** (Souza, 1983, p.18, grifos meus)

A ideia de estudar a presença (mesmo que, como já salientado, alicerçada na *ausência*) negra da minha família materna e especificamente, em duas mulheres que eu convivo desde que nasci, vem de um objetivo muito particular, íntimo. De me entender enquanto pessoa *racializada*, com traços negros e com uma pele clara, situada em uma família cheia de *miscigenações*.

De acordo com Neusa Santos Souza (1983), “o negro brasileiro” não existe como *negro* a partir do momento em que nasce, mas torna-se ao se entender como tal, ao desenvolver uma consciência de si em relação aos processos histórico-sociais do país. Torna-se, porque sua identidade foi roubada por estas particularidades nacionais: pela dita “democracia racial”; pelo processo de *embranquecimento*; e pelo desejo de igualar-se ao branco – o qual, na sociedade capitalista em questão, existe alicerçado na aspiração de ascensão social – necessitando, então, recuperá-la e desenvolvê-la.

As noções de *embranquecimento* e a *miscigenação* foram fundamentais para o sentido da dita “identidade brasileira”. A teoria do embranquecimento começa a surgir no século XIX, atrelada a conceitos oriundos do darwinismo social, em que, o “outro” (negro e índio) era entendido como inferior e sua existência – e permanência –, a partir do contato com outras *raças*, levaria à *degeneração* da nação brasileira¹⁴⁰. Para estes teóricos, como por exemplo, Nina Rodrigues, o conceito de *raça* era entendido como algo fixo que não permitia

140. Referência:: *Nem preto, nem branco, muito pelo contrário* (2012), de Lilia Schwarcz.

arbitrariedade ou modificação, vinculado a aspectos biológicos “inerentes” aos indivíduos, assim, indígenas e negros eram compreendidos como racialmente “menores” em comparação aos brancos, nesse sentido, a “salvação” da nação recairia no processo de “embranquecer” o país e distanciar-se dessas “outras” raças.

[...] o racismo anula a individualidade para fazer dele apenas o resumo das vantagens ou defeitos de seu “grupo racial de origem”. (Schwarcz, 2012, p.22)

Em ‘certa’ oposição a isto, surgiram alguns teóricos que problematizam a teoria do *embranquecimento*, dentre eles, Gilberto Freyre com *Casa-grande e senzala* (2006 [1933]), o qual defendia o processo de *miscigenação* como característica intrínseca à sociedade brasileira, em que, para ele, a união das três raças fundantes (branco, negro e índio) no Brasil, em comparação à outras *culturas*¹⁴¹ como a europeia e a africana, se deu de maneira harmoniosa e equilibrada: “[...] *é que bem se compreende o especialíssimo caráter que tomou a colonização brasileira, igualmente equilibrada nos seus começos e ainda hoje sobre os antagonismos.*” (p.69, grifos meus). Ele opta por atribuir uma adjetivação positiva não só à colonização, mas, principalmente, aos resultados dela, sendo a *miscigenação*, de acordo com ele, o mais significativo destes. O “brasileiro” seria um indivíduo “harmonicamente miscigenado” em um país com os seus conflitos “em equilíbrio”.

As concepções de Freyre tornaram-se hegemônicas dando vez ao que passou a ser entendido como “democracia racial”, uma das maiores *falácias* nacionais baseada neste entendimento de um país sem preconceitos e/ou desigualdades. Relacionando-se a isto e a ideia – tipicamente brasileira– de *raça* vinculada à cor, com a *miscigenação*, algumas novas categorias começaram a ser construídas, tais como “mulato”, “moreno”, “pardo”, noções diretamente relacionadas à mistura de raças, nestes casos citados, à mistura entre negros e brancos. Termos que, representam simbolicamente, um distanciamento do negro e uma aproximação (mesmo que em muitos casos, mínima) do branco. Carregam, portanto, um sentimento de “deixar de ser –completamente– negro”.

Com as várias tonalidades de cor de pele que foram surgindo no Brasil a partir da *miscigenação*, o conceito de *raça* entrelaçado ao de cor, necessita ser problematizado, já que, a tendência, que se estabeleceu foi, justamente, a de encarar as pessoas *racializadas* (e *multi racializadas*) brasileiras como “pardas” ou até mesmo “brancas”, afastando-as de suas origens (ancestralidades), e simultaneamente, não encarando a totalidade do corpo, por meio dos traços, que representam uma

141. Termo usado por ele. A raça começa a vincular-se à Cultura.

ligação com um passado, não muito distante, de forte negritude e indigeneidade, que é forçosamente apagado dos nossos corpos e memórias.

Relacionado a isto e ao que Neusa Santos Souza (1983) define como o *Ideal do Ego*¹⁴² de negros e negras ser um *Ideal branco*, pautado na busca incessante do negro em querer ser/igualar-se ao branco – diretamente relacionado também à *pulsão de morte*, ao desejo de desaparecer e de não existir mais – a autopercepção racial brasileira associada à miscigenação, torna-se algo ainda mais complexo, as categorias “quase brancas” elencadas, são vistas e entendidas como “não negras” por aqueles que as dispõem, como nos casos específicos de minha tia e minha avó, e boa parte da minha família materna majoritariamente negra, em que, apegaram-se à noção de “*moreno*” como uma espécie de identidade racial, negando à negritude. “*Negra, não!*”, disse minha avó com o tom de voz contrariado e quase pulando da cadeira em que estava sentada. “*Eu me considero uma moça bonita*”, disse minha tia quando eu perguntei se ela se considerava negra.

O negro é percebido de maneira negativa, fruto direto dos processos históricos racistas do país: da colonização, do racismo mascarado de ciência, do desejo por *embranquecimento*, e da dita “democracia racial”. Dessa forma, a ânsia por uma separação com este *elo*, com esta cor e com este corpo apresenta-se a partir de uma ordem, simultaneamente, individual e social, a questão de entender como o racismo socio-histórico (e estrutural) liga-se à construção da autopercepção e da identidade negra, algo sinalizado por Frantz Fanon (2020[1952]), e no que tange os aspectos nacionais, especificamente por Neusa Souza (1983), onde a mesma enfatiza a enorme dificuldade dos negros e negras brasileiros de entenderem-se enquanto negros, pois a criação de suas identidades se dá primeiramente (e principalmente) a partir de sua relação com seus pais e/ou por pessoas que assumem esse papel (tio(a)s, avô(ó)s, etc), os quais, também tiveram suas autopercepções e identidades roubadas e fragilizadas, como a situação de D e Z.

Considerando todos esses aspectos, a “questão racial” sempre foi uma *ausência* no interior das minhas relações sociais, principalmente familiares, uma falta, uma carência que influenciou diretamente na minha formação enquanto indivíduo, enquanto *ser*, enquanto humanidade¹⁴³. Portanto, este trabalho também volta-se ao desejo de romper com certas incompreensões a

142. [...] O *Ideal do Ego* é, portanto, a instância que estrutura o sujeito psíquico, vinculando-o à Lei e à Ordem [...] Realizar o *Ideal do Ego* é uma exigência – dificilmente burlável – que o *Superego* vai impor ao *Ego*. E a medida de tranquilidade e harmonia interna do indivíduo é dada pelo nível de aproximação entre o *Ego* atual e o *Ideal do Ego* [...] (p.33).

143. Como ressaltado, a humanidade para além da “humanidade branca” hegemônica.

respeito de mim mesma, incompreensões que foram sempre sustentadas no *não-lidar*, porque baseadas em um desenvolvimento de um *ser-para-o-outro* e não de um *ser-para-si*, aliado à ausência de um forte debate racial dentro de casa.

Ao mesmo em que me situo na discussão que propus, reconheço os privilégios que carrego enquanto uma mulher de pele clara, por mais que em alguns casos isso não me livre do preconceito racial, em muitos, sou “poupada”, dependendo do lugar em que estou situada e das pessoas ao meu redor. Sou fruto direto do processo de *embranquecimento* familiar, e devo reconhecer o peso e a responsabilidade disso.

Em contrapartida, relaciono diretamente minha identidade na *ausência* que aos poucos começa a se tornar *presença*. Reconheço, por conseguinte, que as reais protagonistas dessa pesquisa são, minha tia-avó e minha avó, suas dores, suas resistências, suas memórias, e como a partir delas, eu tenho a possibilidade de começar a compreender como certas relações familiares foram configuradas baseadas em um racismo muitas vezes silencioso, mas maléfico, em que, assimilar esses processos torna-se o começo para transformações mais profundas.

APONTAMENTOS E INCONCLUSÕES

Considero que alguns aspectos ficaram carentes de problematização e aprofundamento. Todavia, antes de finalizar esta discussão, gostaria de ressaltar dois deles. Primeiro, ao utilizar autores como Frantz Fanon (2020 [1952] e 2022 [1961]) e Neusa Santos Souza (1983)¹⁴⁴ como base teórica, por serem psiquiatras de formação¹⁴⁵, a noção de *raça* mediou-se a partir de aspectos individuais e sociais, entendendo como o preconceito racial externo e que reluz na consciência individual, impacta diretamente na construção da identidade negra.

Ou seja, compreendo que, para estes autores, a percepção (e concepção) de *raça* se dá a partir da *violência*, sofrida por um sujeito situado em um grupo social específico. Como Neusa Souza (1983) define, *raça*, nas sociedades capitalistas, é um atributo ideológico, que exerce funções simbólicas (valorativas e estratificadoras), em que, a categoria racial: “possibilita a distribuição dos indivíduos em diferentes posições na estrutura de classe, conforme pertençam ou estejam mais próximos dos padrões raciais da classe/raça dominante” (p.30),

144. Neusa Santos Souza, além de psiquiatra, era também psicanalista.

145. Frantz Fanon, além disso, embarcou nos estudos existencialistas-humanistas de Jean-Paul Sartre, utilizando-o como fundamentação teórica para muitos de seus textos.

nesse caso, a raça branca.

Segundo, e de maneira, *relacional*. A questão racial brasileira perpassa muitos aspectos, alguns citados, mas não rigorosamente aprofundados. No que se refere às noções classificatórias, sempre foram ambíguas e arbitrárias, simultaneamente, servindo como parâmetro para preconceitos e violências. Além disso, como apresenta Giralda Seyferth (2007), estabelecer qualquer regra de classificação em relação à raças, é contraditório, devendo-se tomar muito cuidado para não recorrer à práticas eugenistas do passado, todavia, simultaneamente, para ela, e tomando como fundamento:

[...] a percepção do preconceito racial deve ser dado fundamental, pois orienta a construção das identidades diferenciadas [...] A noção de raça carece de objetividade e, não obstante, está enraizada na sociedade. No entanto, é necessário evitar tanto a essencialização da raça quanto o velho chavão da “harmonia brasileira” calcada na miscigenação e seus apensos. (Seyferth, 2007, p.127)

Assim sendo, o intuito aqui presente, pode ser definido como um processo de *retomada*, simultaneamente, uma possibilidade, um início de uma construção de *raça* muito mais plural, do entendimento, que já vem sendo debatido e reconhecido, de uma negritude brasileira que engloba os processos de *miscigenação* e *branqueamento*, pensando-os criticamente, considerando identidades raciais plurais, vinculadas aos laços *ancestrais*, lutando para que não sejam esquecidos.

O percurso traçado neste trabalho, deu-se também, ancorado no texto de Pierre Bourdieu (1993). Ao entrevistar minha família, esforcei-me para tomar alguns cuidados, principalmente, para que a *violência simbólica* que eu, enquanto pesquisadora carrego em minhas *disposições*, não tomasse conta da entrevista, dei mais espaço para elas falarem, buscando relacionar suas falas ao tema central, todavia, é notável a existência de momentos em que esta violência toma conta da entrevista, especialmente, ao impor minhas classificações para minhas familiares, como a nota de rodapé no início do diálogo com Z traz. Ademais, a pesquisa aconteceu, a partir das entrevistas, o tema foi pensado e problematizado mediante as falas com que me deparei.

Além disso, a discussão presente também guiou-se fundamentada em *Esboço de autoanálise* (2005). Mesmo que de maneira inicial, os aspectos aqui salientados fazem parte de minha formação enquanto *sujeito*¹⁴⁶ situado no mundo social, e que se relaciona com vários *campos*. Onde, a *questão racial* seria um dos alicerces para a minha relação com este mundo, portanto, esta

146. Bourdieu usa o termo ‘agente social’.

investigação é um início, um convite à um *esboço de autoanálise*, o qual, tende a se desenvolver, a abertura para uma *conversão do olhar* que está em andamento.

Discutir *raça* e negritude foi um desafio em uma família sem um histórico profundo de debates sobre essas questões, foi um incômodo, principalmente para mim, que pensei muitas vezes em largar o tema e pesquisar algo mais *confortável*. Saio deste projeto completamente *afetada*, e com um trabalho inconcluso, já que, muitos aspectos ainda precisam ser pensados e debatidos. Sendo este final, muito mais um início do que um fim.

[...] o ideal seria que o presente sempre servisse para construir o futuro. E esse futuro não é o do cosmos, mas sim o do meu século, do meu país, da minha existência. De modo algum devo me propor a preparar o mundo que me sucederá. Pertencço irredutivelmente à minha época. E é para ela que devo existir. **O futuro deve ser uma construção constante do homem existente.** Essa edificação se vincula ao presente, na medida em que o considero algo a ser superado. (Fanon, p. 27, 2020 [1952], grifos meus)

TEMPO E MOVIMENTO¹⁴⁷

Como posto na introdução, este trabalho começou com um objetivo e durante o seu desenvolvimento, foi-se descortinando outro. Cheguei, inclusive, a realizar uma entrevista com a minha mãe na mesma temporada, mas hoje, por motivos do tema que acabou se tornando mais latente, optei por suprimir essa entrevista, e focar em uma conclusão voltada à temática espiritual, sendo justa à como a minha trajetória tem se delineado após entrar em contato com as falas que coletei, principalmente de minha avó.

Isto posto, a questão identitária racial até então foi entendida por mim como *inevitavelmente plural*, o termo *pardo* poderia até me servir de forma extremamente específica, mas não considero este um modo político, então, opto por não dar luz à essa noção, o que eu possuo até então, é estar em paz com essa pluralidade, compreendendo as *manchas* histórico-sociais de violência sofrida por parte de minha família materna e como estas reverberam na minha formação, defendendo também os processos de reconhecimento a partir da *autoidentificação étnica* oriunda da luta dos movimentos sociais, como nos trouxe Almeida (2011). Reforço, portanto, que é *Tempo de retomada* e de *ressignificação* de muitos dizeres anteriormente pré-estabelecidos.

Quanto à questão espiritual, as falas de minha avó me levaram à inquietações, as quais, conseqüentemente, foram motor para ir atrás de

147. Tanto esse tópico, quanto a Introdução, foram escritos no dia 09 de outubro de 2024.

explicações além dos muros da minha casa. Encontrei respostas em sonhos, conversas fora da realidade convencional, e principalmente, no terreiro que hoje frequento, respostas que estão ao meu alcance no momento, as demais estão no futuro que me aguarda. O que quero deixar registrado por meio dessas palavras, é a força da ancestralidade afro-indígena, que sobrevive mesmo negada e silenciada por gerações. Raça e espiritualidade são temas que se conectam não só em dor e violência, mas principalmente, no amor e na resistência.

Salve a força dos exus; pombagiras; da malandragem; do povo cigano;
dos caboclos; boiadeiros e encantados!
Salve a força ancestral dos inkisses!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Quilombolas e novas etnias*. Manaus: UEA Edições, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. *Esboço de Autoanálise*. 1 ed. São Paulo: Companhia das letras, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. *Compreender*. In: A miséria do mundo. 9 ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1993.
- FANON, Frantz. *Sobre a violência*. In: Os condenados da terra. 1a edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu editora, 2020.
- FREYRE, Gilberto. *Características gerais da colonização portuguesa do Brasil*. In: Casa grande e senzala. 51 ed. rev. São Paulo: Global, 2006.
- SEYFERTH, Giralda. *A noção de raça no Brasil: ambiguidade e preceitos classificatórios*. In: Por que “raça”? breves reflexões sobre a questão racial, no cinema e na antropologia. Santa Maria: Editora UFSM, 2007.
- SCHWARCZ, Lilia. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociedade brasileira*. 1 ed. São Paulo: Claro enigma, 2012.
- SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. 2 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.